

LINCHAMENTOS VIRTUAIS

1 A vítima de um linchamento geralmente “cumprе a função ritual e sacrificial do bode expiatório”, escreve José Martins de Souza, sociólogo e professor da USP, no livro *Linchamentos: a justiça popular no Brasil*

2 Diferentemente dos linchamentos reais, que partem de explosões de fúria, os justiceiros virtuais costumam agir de caso pensado. Estima-se que no Brasil haja uma tentativa de linchamento por dia. Na internet esse número é muito maior

3 Apesar das diferenças entre o linchamento físico e o virtual, “o linchamento virtual também é real. A pessoa atacada tem família, vida social, não é só um avatar”, explica a pesquisadora da Unicamp Karen Tank Mercuri Macedo. Página 3



A gênese dos ataques e linchamentos virtuais

A vítima de um linchamento geralmente “cumpra a função ritual e sacrificial do bode expiatório”. No Brasil, estima-se que haja um linchamento físico por dia

DA SUPERINTERESSANTE

Você está viajando com amigos pelo interior do país. Em uma cidade, passam por um cemitério militar, cuja entrada está decorada com uma placa em que se lê: “Silêncio e respeito”. Você resolve parar e posar para uma foto quebrando as “regras”: com uma mão, faz um gesto para indicar que está gritando e, com a outra, mostra o dedo do meio. Um amigo posta a imagem no Facebook e te marca na publicação. O que era para ser uma simples brincadeira de gosto duvidoso vira um pesadelo: a foto viraliza e você começa a receber milhares de mensagens de ódio e ameaças de morte. Páginas do Facebook são criadas com seu nome. Poucos dias depois, perde o emprego. Nos meses a seguir, desenvolve depressão e passa a se recusar a sair de casa.

Essa história aconteceu com Lindsey Stone, uma americana que, em outubro de 2012, posou para a foto no Cemitério Nacional de Arlington, onde estão enterrados veteranos de guerra e figuras políticas importantes dos Estados Unidos. A história de Lindsey é semelhante à da personagem Clara Meades em Odiados pela Nação, sexto episódio da terceira temporada de Black Mirror — na série, a mulher posta nas redes sociais uma foto em que simulava estar urinando em um monumento de guerra. As coincidências terminam por aí, mas as marcas do ódio virtual podem ter tanta força quanto o ataque das abelhas-drones.

A GÊNESE DO ATAQUE

A vítima de um linchamento geralmente “cumpra a função ritual e sacrificial do bode expiatório”, escreve José Martins de Souza, sociólogo e professor da USP, no livro *Linchamentos: a justiça popular no Brasil*. Em seu levantamento, Martins estima que haja um linchamento físico por dia no País, e que, nos últimos

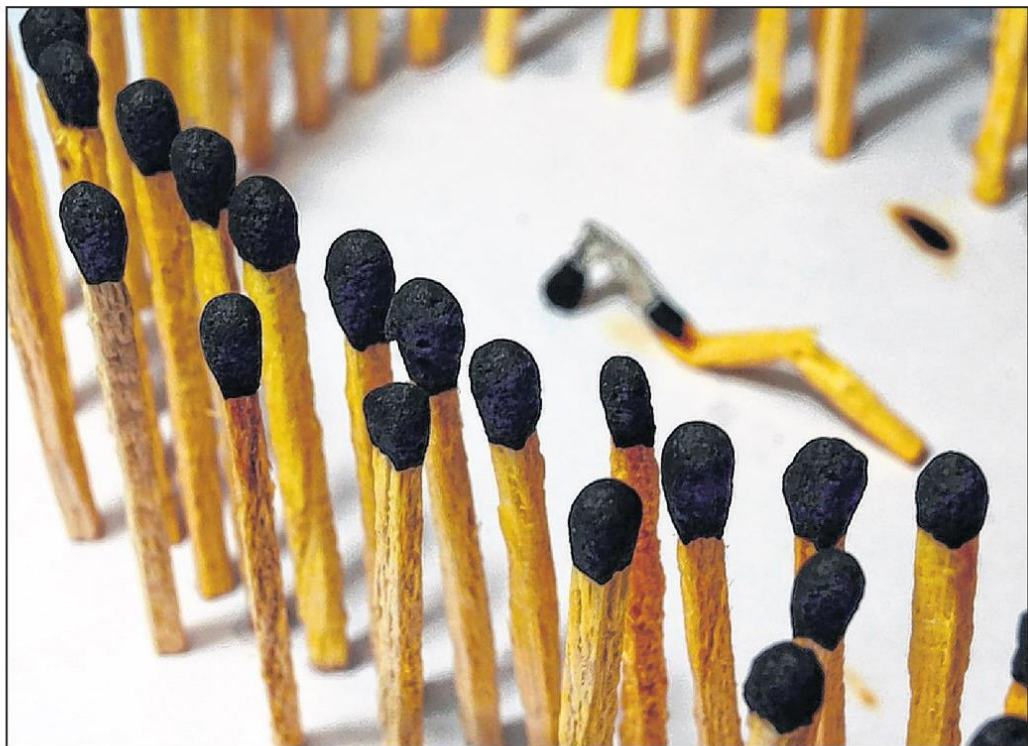
60 anos, cerca de um milhão de brasileiros tenha participado de pelo menos um ato ou uma tentativa desse tipo.

Apesar das diferenças entre o linchamento físico e o virtual, a efeito de pesquisa, a distinção é menos acentuada: “o linchamento virtual também é real. A pessoa atacada tem família, vida social, não é só um avatar”, explica a pesquisadora da Unicamp Karen Tank Mercuri Macedo, que estudou o tema. “Acreditamos que o linchamento virtual muitas vezes acontece por falta de letramento digital. Se a pessoa não tem uso crítico da tecnologia, não conseguirá avaliar a fonte das informações que recebe e tem mais chances de ser um linchador ou linchado em potencial.”

Mas quem toma parte em linchamentos tem consciência do que está fazendo? Depende da situação. “Há um caso de um linchamento real no Rio de Janeiro em que uma idosa foi vista tentando arrancar o olho da vítima com uma colher. Quando foi levada para a delegacia, ela não lembrava o que tinha feito. Acreditamos que a fúria da multidão deixe vir à tona um comportamento que nem a pessoa entende”, explica Macedo. Mas a situação muda nas redes sociais, mesmo que envolva uma ação impensada. “A pessoa tem muito mais consciência do que está fazendo na internet do que na agressão física no mundo real, que geralmente parte de uma explosão súbita.”

POR QUE LINCHAMOS?

Não raro, o linchamento virtual resvala para a violência física — é o caso de Fabiane Maria de Jesus, dona de casa assassinada em maio de 2014, no Guarujá, após ser acusada de praticar magia negra e sequestrar crianças. O boato surgiu na internet, junto a relatos falsos de testemunhas. Fabiane foi espancada até a morte por moradores, após ser confundida com um retrato falado da suposta sequestradora. O lincha-



O linchamento tem caráter vingativo, de punir com força redobrada o suposto crime original. É uma forma de a sociedade julgar a ineficiência dos procedimentos oficiais de justiça

mento foi filmado e divulgado na internet, onde viralizou. Depois, descobriu-se que o retrato havia sido feito em 2012 por policiais do Rio de Janeiro, em um caso sem relação alguma com o boato.

O linchamento tem caráter vingativo, de punir com força redobrada o suposto crime original. É uma forma de a sociedade julgar a ineficiência dos procedimentos oficiais de justiça. “A hipótese mais provável é a de que a população lincha para punir, mas sobretudo para indicar seu desacordo com alternativas de mudança social que violam valores e normas de conduta tradicionais”, escreve Martins. “O linchamento não é uma manifestação de desordem, mas de questionamento da desordem.”

Esse questionamento muitas vezes é provocado por um dos maiores gatilhos para o linchamento: a intolerância. “Todas as pessoas que já fazem parte de minorias vão continuar sendo marginalizadas na internet, em-

bora tenhamos por lá essa sensação de igualdade. Existe sempre um poder, um grupo mais privilegiado controlando os outros”, ressalta Macedo. “Se você não se encaixa no grupo homogêneo, precisa ser destruído, nem que seja só com palavras. Não existe mais essa fronteira fixa entre o real e o virtual.”

A intolerância é, grosso modo, uma das bases para o ataque de grupos organizados e genericamente definidos como haters. Todos estão sujeitos aos seus ataques, especialmente se defenderem alguma causa considerada polêmica. É o caso de ativistas feministas (veja mais abaixo) e militantes políticos, ou defensores de pautas como a legalização das drogas ou do aborto. Para Macedo, “a ideia deles seria preservar alguns valores socialmente construídos, tidos como certos. Nessa lógica, deve-se ‘destruir’ o que pensa diferente, que seja uma ameaça aos bons costumes”.

Três casos de linchamento virtual com consequências bem reais

“NÃO PEGO AIDS, SOU BRANCA”

Em dezembro de 2013, a relações públicas Justine Sacco, de 30 anos, aguardava um voo de Londres para a Cidade do Cabo, na África do Sul, quando tuitou: “Indo para a África. Espero não pegar aids. Brincadeira! Sou branca.” Onze horas depois, ao desembarcar, Sacco descobriu que havia recebido mais de 100 mil mensagens de repúdio e ameaças de morte. Até Donald Trump tuitou pedindo sua demissão — algo que de fato aconteceu.

“MATE UM NORDESTINO AFOGADO”

Após a vitória de Dilma Rousseff nas eleições de 2010, a estudante paulista Mayara Petruso tuitou uma série de comentários, entre os quais viralizou a frase: “Nordestino não é gente, faça um favor a SP, mate um nordestino afogado!”. A forte repercussão levou Mayara a abandonar a faculdade e ser demitida. Ela foi condenada a um ano e cinco meses de prisão por incitação à violência.

FANTASIA: VÍTIMA DA MARATONA DE BOSTON

Em 2013, Alicia Ann Lynch, uma norte-americana de 22 anos, decidiu tuitar sua foto do Halloween. Sua fantasia: vítima do atentado na maratona de Boston, que matou três pessoas e feriu mais 264. A reação foi rápida: mensagens de ódio, informações pessoais e até fotos íntimas de Lynch vazaram na rede.